



Imobilidade do acento em não verbos em português: uma abordagem diacrônica baseada no uso

Non-Mobile Stress in Non-Verbs in Portuguese: a Usage-Based Diachronic Approach

Paulo Chagas de Souza

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

pcsouza@usp.br

<https://orcid.org/0000-0003-0600-8401>

Resumo: À semelhança do que fez Cantoni (2013) para o sistema de acento do português como um todo, proponho neste trabalho uma explicação diacrônica para o fato de os verbos terem acento móvel e os não verbos terem acento fixo em português. Adoto uma perspectiva diacrônica, considerando, como proposto nas abordagens de sistemas dinâmicos, que o conhecimento do estado inicial de um sistema nos ajuda a entender seu estado atual. Nesse sentido, examino os paradigmas flexionais de substantivos latinos e as mudanças que ocorreram desde o latim até o português com o intuito de verificar em que medida essas mudanças morfológicas acabaram determinando características do sistema acentual do português. Em sua grande maioria, os substantivos apresentavam deslocamento do acento em seu paradigma em latim. Como é demonstrado neste trabalho, no entanto, o acusativo era o único caso em que praticamente não havia deslocamento de acento em latim do singular para o plural. O fato de o acusativo ter sido o caso lexicogênico do português, isto é, o caso cujas formas deram origem aos substantivos e adjetivos correspondentes do português, acabou tendo como resultado a imobilidade do acento nos não verbos. Ele era o caso de realização mais frequente e, como seria de se esperar numa perspectiva baseada no uso, foi o único caso que sobreviveu. A seção final do texto discute ainda o fato de que as mesmas mudanças diacrônicas fizeram com que as vogais temáticas nominais e adjetivais nunca sejam acentuadas em português.

Palavras-Chave: acento; português; diacronia.

Abstract: As did Cantoni (2013) for the Portuguese stress system as a whole, I propose in the present paper a diachronic explanation for a difference between verbs and non-verbs in Portuguese: the fact that verbs have mobile stress, whereas non-verbs do not. I adopt a diachronic perspective, considering, as proposed in dynamic systems approaches, that the knowledge of the initial state of a system helps us understand its current state. Based on that, I examine inflectional paradigms of Latin nouns and the changes that have taken place from Latin to Portuguese with the purpose of assessing to what extent those morphological changes have determined characteristics of the Portuguese stress system. The vast majority of nouns showed a stress shift in their paradigms in Latin. As is shown in the present paper, however, the accusative was the only case in which there was practically no change in stress between singular and plural. The fact that the accusative was the lexicogenic case in Portuguese, i.e., the fact that nouns and adjectives in Portuguese have their forms derived from the accusative of corresponding Latin words eventually produced fixed stress in Portuguese non-verbs. The accusative was the most frequent case in Latin and, as would be expected from a usage-based perspective, it was the only surviving case. The final section of the paper additionally discusses the fact that the same diachronic changes have kept noun and adjective theme vowels from ever being stressed in Portuguese.

Keywords: stress; Portuguese; diachrony.

Recebido em 05 de abril de 2022

Aceito em 23 de junho de 2022

1 Introdução

Uma característica marcante na fonologia do português é o fato de o sistema acentual apresentar características que podem ser consideradas distintas em verbos e em não verbos (MATTOSO CÂMARA, 1970, p. 65; além de BISOL, 1992; LEE, 1997, 2007, entre outros). O objetivo deste trabalho é exatamente propor uma explicação diacrônica para uma dessas diferenças entre verbos e não verbos: o fato de os verbos terem acento móvel e os não verbos terem acento fixo, em sentido a ser precisado na seção 2.

Em sua obra clássica sobre o acento, Hayes (1985) afirma que uma das distinções mais tradicionais na classificação dos sistemas de acento é a que distingue os sistemas de acento em móvel e fixo, sendo

que acento fixo é definido com relação às margens da palavra (inicial ou final). Esse não é o único referencial possível, não sendo ele adotado neste trabalho, como será detalhado na seção 2.

Normalmente as análises do acento em fonologia em geral, mas também especificamente do português, tratam de cada forma isoladamente, ou no máximo examinam subparadigmas dentro do paradigma verbal, como Lee (2007) faz com relação aos tempos que apresentam formas proparoxítonas, o imperfeito do indicativo e do subjuntivo, além do futuro do pretérito. Mesmo Cantoni (2013), que analisa o acento em termos de redes, não focaliza as propriedades do acento dentro de cada paradigma flexional. O fato de o acento nas formas do português como um todo não ser fixo, pois pode cair numa das três últimas sílabas, tem desviado o olhar dos pesquisadores do fato de que apenas em uma categoria lexical o acento é móvel paradigmaticamente: nos verbos. Nas demais categorias que contêm lexemas flexionados, o acento é fixo. Talvez esse fato seja tão arraigado no conhecimento dos falantes do português, no sentido do termo na Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987) que acabe não parecendo algo que precise ser explicado, como será feito neste artigo. Examinar a mobilidade ou não do acento nos paradigmas flexionais em português é, portanto, uma das inovações deste trabalho.

A perspectiva adotada neste trabalho é a de que para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno do acento é necessário ter um olhar mais abrangente, observando todos os tipos de relações entre acentos existentes dentro da língua: paradigmas flexionais completos (e não subparadigmas), redes de palavras provenientes da mesma raiz, redes de formas que contêm o mesmo tipo de acento, bem como incluir em nossa análise a diacronia, o que pode revelar fatores que não se manifestam de maneira direta e evidente na sincronia. Com relação a este último ponto, restringir o olhar do linguista ao que é puramente sincrônico reduz sua capacidade de buscar explicações, pois pode acontecer de as raízes de fenômenos linguísticos atuais estarem localizadas há milênios.

Será dada ênfase ao paradigma dos substantivos, já que os adjetivos tanto em português como em latim têm características flexionais e acentuais praticamente iguais às dos substantivos. Entre as questões que serão abordadas, a questão central é a de por que motivo verbos e não verbos têm padrão acentual distinto quanto à mobilidade do acento. Uma questão correlacionada a essa é a de qual o motivo pelo qual os sufixos flexionais

nominais não alteram o acento, ou, vindo por outro ângulo, por que as vogais temáticas ou marcadores de classe nominais são átonos.

Este trabalho apresenta diversas características que o aproximam de trabalhos como *Cantoni (2013)*: utiliza uma abordagem diacrônica baseada no uso (*BYBEE, 2001*); se subscreve à concepção dos sistemas dinâmicos (*GELDER; PORT, 1995*) de que o conhecimento do estado inicial (ou anterior) de um sistema nos ajuda a entender seu estado atual (ou posterior)¹; e considera que o acento é mais bem entendido se examinarmos as redes de relações (paradigmas lexicais e estendidos) que as palavras e formas de palavras constroem dentro da língua.

O objetivo do artigo é argumentar como características prosódicas das declinações latinas e o fato de o acusativo ser o caso lexicogênico do português foram os fatores que determinaram a imobilidade do acento nos paradigmas não verbais (essencialmente substantivos e adjetivos).

O artigo está estruturado como apresento a seguir. Na seção 2, defino como deslocamento de acento será entendido neste trabalho. Na seção 3, apresento as características que distinguem o acento de verbos e não verbos no português, com ênfase para a mobilidade do acento. Em seguida, apresento nas seções 4 e 5 a fundamentação teórica a ser usada no trabalho: a linguística baseada no uso e a concepção da língua como um sistema complexo dinâmico. Feito isso, apresento na seção 6 as propriedades do sistema acentual latino, focalizando na mobilidade ou não do acento. Na seção 7, discuto a passagem do latim para as línguas românicas, com destaque para a frequência de uso dos casos. Como concluo que o acusativo era o mais frequente já no latim, isso preparou o terreno para que as formas derivadas dele fossem as únicas remanescentes no português. Na seção 8, expando o olhar para além do português com o intuito de enfatizar que a imobilidade do acento não é consequência direta simplesmente da redução do paradigma flexional não verbal. Na seção 9 faço um excursão breve sobre a tonicidade das vogais temáticas. Encerro o artigo retomando o que foi discutido. Uma ressalva importante: não me detenho neste artigo na questão relevante de mudança de declinação que diversos substantivos sofreram, nem trato da questão fundamental do contato linguístico (*TRUDGILL, 2010, 2020*). Uma observação final: neste artigo a sílaba tônica será indicada por negrito.

¹ Uma autora formalista como *Blevins (2004)* também tem argumentado fortemente em favor de explicações diacrônicas em fonologia.

2 Algumas definições preliminares

Tratar do deslocamento do acento, assim como tratar de movimento em física, requer que se adote um referencial. Um passageiro dentro de um ônibus que se desloca está parado com relação ao ônibus mas se desloca com relação a um referencial externo, como o ponto de partida da viagem. De maneira análoga, se compararmos as formas *canta* e *cantava*, do verbo cantar, temos duas análises possíveis. Se o referencial adotado for o da posição do acento com relação ao final da palavra, como normalmente se faz na fonologia do português, diríamos que o acento está na mesma posição nas duas formas: na penúltima sílaba. Ressalto que esse tipo de análise examina a posição do acento em cada forma e verifica se o acento incide na mesma posição apenas em relação à margem final da palavra, sem fazer uma correspondência entre os segmentos associados ao acento.

Há outro referencial possível, no entanto. Se o acento cai na sílaba *can* na forma *canta*, e não permanece nessa sílaba na forma *cantava*, caindo na sílaba seguinte, obviamente houve um deslocamento da localização do acento. Podem-se adotar os termos tradicionais *rizotônico* (acento que cai na raiz) e *arrizotônico* (acento que cai fora da raiz). Se considerarmos onde está a vogal da sílaba tônica, como a raiz do verbo cantar é *cant-*, a forma *canta* é rizotônica, enquanto a forma *cantava* é arrizotônica. Cumpre ressaltar que estou me referindo à raiz, o que exclui a vogal temática.

Isso pode ser ilustrado graficamente para facilitar a visualização, como na figura 1, em que a sílaba tônica está em negrito e a vogal da raiz está emoldurada por um retângulo.

Figura 1 - Referenciais da análise do deslocamento ou não do acento

Margem final da palavra	Sílaba acentuada
can.ta (paroxítona)	can.ta (contém a vogal da raiz)
can.ta.va (paroxítona)	can.ta.va (não contém a vogal da raiz)

Vemos que de acordo com a primeira perspectiva, o acento não se desloca, pois permanece na penúltima sílaba. Já na segunda perspectiva, ele se desloca, pois cai na sílaba que contém a vogal da raiz na primeira forma e na sílaba seguinte na segunda. Seguem alguns exemplos para detalhar o referencial adotado:

(1) *cor cor.di.bus*

Nesse exemplo, no nominativo e acusativo singulares, o substantivo neutro latino *cor* ‘coração’ tem o acento na única sílaba de que é formado. Na forma *cor.di.bus* do dativo e ablativo plurais o acento permanece na sílaba *cor*. Nesse sentido, é irrelevante o fato de o acento ter passado de oxítono a proparoxítono. O acento não se desloca.

Vejam os outros exemplos:

(2) *sol so.lis*

O fato de neste exemplo a consoante [l] estar na coda no primeiro caso e no ataque da segunda sílaba no segundo não altera o fato de que é a sílaba que contém a vogal precedida de [s] e seguida de [l] que é acentuada.

Um último exemplo:

(3) *ã.gō ē.gī*

A vogal tônica se alterou, tanto em duração quanto em timbre, mas a posição do acento é a mesma: a vogal que precede o [g] é acentuada em ambas as formas.

Doravante quando me referir a deslocamento ou não do acento no interior de um paradigma, é nesse sentido que estarei falando. Não fará a mínima diferença se cada forma é oxítônica, paroxítônica ou proparoxítônica, já que a posição em relação ao final da palavra não é o referencial adotado. Embora também ocorra de serem acrescentadas sílabas ao final, o que poderia acarretar o deslocamento do acento, o foco deste artigo também não é se houve mudança no número de sílabas, mas se o acento permaneceu na mesma posição, segundo o critério já mencionado.

Outra questão que foi mencionada por um(a) parecerista é a reestruturação silábica, como no latim *mare*, que passou a ser *mar* em português, perdendo a vogal final e passando de dissílabo a monossílabo. Tendo deixado claro o referencial adotado neste artigo, esta reestruturação não faz diferença, já que a sílaba acentuada era e continua sendo a que contém a vogal [a]. Outro motivo para não adentrar com detalhes na questão da reestruturação silábica é que ela se dá por perda de vogais átonas, nunca por apagamento de vogais tônicas. Sendo assim, ela por si só não afeta a localização do acento no sentido adotado neste artigo.

Como o objetivo do artigo é explicar como se desenvolveu a imobilidade do acento em não verbos a partir da mobilidade presente no latim, e o acento era móvel tanto em verbos quanto em não verbos em

latim, não serão apresentados paradigmas verbais completos, apenas as porções que forem relevantes.

3 Acento em verbos e não verbos no PB

O objetivo desta seção não é resenhar detalhadamente a vasta literatura sobre o acento no português. Limito-me a apresentar algumas distinções já apontadas na literatura entre o acento de verbos e o de não verbos.

Uma propriedade que distingue fortemente o acento em verbos e não verbos, segundo dados de Cantoni (2013), é a proporção do padrão acentual proparoxítono. Enquanto nas formas não verbais ele responde por 14,6 % das formas, apenas 1,2 % das formas verbais têm acento proparoxítono. Um fato importante para isso é o fato de que as únicas formas proparoxítonas ainda em uso são da primeira pessoa do plural, mas as últimas décadas têm mostrado uma grande diminuição da frequência de uso de *nós* (ZILLES 2005).

Há ainda o fato de que, segundo Mattoso Câmara (1970), o acento no português é distintivo, pois distingue as categorias lexicais verbo e não verbo em casos como nos exemplos de Lee (1997, p. 13):

(4)	formula	fórmula
	numero	número
	computo	cômputo
	calculo	cálcúlo
	valido	válido
	continuo	contínuo

Uma terceira distinção é que a vogal temática verbal pode ocorrer nas três posições possíveis com relação ao acento. Tomando o verbo *cantar* como exemplo, ela ocorre em posição pretônica em *can.ta.ria*, tônica em *can.ta.va* ou postônica em *can.ta* (a vogal temática foi sublinhada e a sílaba tônica colocada em negrito para facilitar a visualização). É exatamente esse tipo de dados que caracteriza o deslocamento do acento no paradigma, tema deste artigo. Já a vogal temática ou marcador de classe não verbal é sempre átona, como em *cálice* e *vida*. Ver a esse respeito a última seção deste artigo. Não verbos oxítonos são atemáticos: *xodó*.

Outra maneira de colocar essa questão é que os sufixos flexionais do não verbo não afetam o acento primário, mesmo que alterem o número

de sílabas da palavra, ao passo que nos verbos existe a possibilidade de um sufixo flexional mudar o acento primário. No substantivo, as flexões possíveis são número e gênero:

(5)	ga.to	ga.tos
	ga.ta	ga.tas
	pro.fes. so r	pro.fes. so .res ²
	pro.fes. so .ra	pro.fes. so .ras
	a.ma	a.ma .mos
	fa.lam	fa.la .vam

Também os adjetivos apresentam flexão de gênero e número, e neles também isso não afeta o acento, como se vê nos exemplos:

(6)	gran.de	gran.des
	bo. ni .to	bo. ni .tos
	bo. ni .ta	bo. ni .tas
	ca. çu .la	ca. çu .las
	fe. liz	fe. li .zes
	por.tu. guê s	por.tu. gue .ses
	por.tu. gue .sa	por.tu. gue .sas
	tra.ba.lha. do r	tra.ba.lha. do .res
	tra.ba.lha. do .ra	tra.ba.lha. do .ras

Um fenômeno diferente que reforça a observação de que está profundamente arraigada nos falantes do português a estabilidade do acento nos não verbos é o possível efeito da epêntese vocálica na localização do acento. Bisol (1992), baseando-se em Harris (1983) propõe que o sistema de acento do português respeita a janela de três sílabas, ou seja, o acento primário cai numa das três últimas sílabas da palavra. A imobilidade do acento nos não verbos é tão forte que produz as poucas violações da janela de três sílabas do acento no final da palavra, sem a menor possibilidade de deslocamento. São exemplos como *técnico* e *helicóptero*, em pronúncias como [ˈtɛkinikʊ] e [eliˈkɔpitero]. O crucial é que pronúncias como * [teˈkinikʊ] ou * [elikɔˈpitero] são absolutamente impossíveis. Em contrapartida, em formas verbais o

² Como estou citando as palavras ortograficamente, separo os ss de professor etc., embora seja óbvio que na pronúncia não haja duas consoantes, mas sim um único [s], que se encontra no ataque da sílaba <so(r)>.

deslocamento acentual é frequente, ocorrendo em formas como *me indigno*, pronunciado [mĩdʒi'gĩno], ao lado da pronúncia [mĩ'ɖʒiginu].

Outra evidência do quanto é arraigado o acento fixo nos não verbos são os pouquíssimos casos em que a norma padrão prevê um deslocamento de acento. O plural de uma palavra como *caráter*, que consta em dicionários como sendo *caracteres*, não parece para a maioria dos falantes do português ser o plural dessa mesma palavra. Tanto é que acabou surgindo o singular *caractere* derivado dessa forma plural.

Uma questão à parte que reforça a observação de que o acento é sentido pelos falantes como imóvel nos não verbos são os proparoxítonos terminados em -r. Como o acento já se encontra no limite da janela de três sílabas no singular, o acréscimo de -es no plural poderia produzir um acento violando essa janela. A norma padrão recomenda um deslocamento de acento, antiintuitivo para os falantes. Parece muito estranho fazer plurais como *Júpiteres* ou *lucíferes*. Tanto é assim que uma consulta a dicionários *online* realizada em 28 de julho de 2020 encontrou três formas diferentes de plural atribuídas ao substantivo *lúcifer*. São elas: *lucíferes* no Dicio³, *lucíferes* no Priberam⁴ (esta seria a forma que preservaria a acentuação latina) e *luciferes* no Portal da Língua Portuguesa⁵. Ocorrem também as formas *Júpiteres* e *lúcifers*, como se pode constatar dando busca na internet, em exemplos como *dois Júpiteres* e *dois lúcifers*. Uma discordância a esse ponto só reforça o quanto é estranho ter que deslocar o acento numa forma não verbal no português.

Embora não seja crucial para a questão da posição fixa do acento no português, adoto aqui a análise de Cantoni (2013) e Cagliari (1999), segundo a qual a morfologia é um fator preponderante nos padrões acentuais do português, tanto na flexão quanto na derivação.

3.1 Acento em não verbos no PB

O acento em substantivos e adjetivos em português não apresenta deslocamento de acento no sentido adotado para este artigo. Para que fique clara a veracidade dessa afirmação, recapitulemos aqui sucintamente os tipos de substantivos e adjetivos do português.

³ <https://www.dicio.com.br>.

⁴ <https://dicionario.priberam.org>.

⁵ <http://www.portaldalinguaportuguesa.org>

Vejamos primeiro os substantivos terminados em vogal no singular:

- (7) oxítonos no singular:
ca.**fé** ca.**fés**
- (8) paroxítonos no singular:
li.vro **li.vros**
- (9) proparoxítonos no singular:
lâm.pa.da **lâm.pa.das**

Depois substantivos terminados em ditongo oral no singular:

- (10) oxítonos no singular:
min.**gau** min.**gaus**
cha.**péu** cha.**péus**
he.**rói** he.**róis**
- (11) paroxítonos no singular:
pô.nei **pô.neis**

Substantivos terminados em ditongo nasal no singular:

- (12) oxítonos no singular:
mão **mãos**
pão **pães**
por.**tão** por.**tões**
- (13) paroxítonos no singular:
ór.fão **ór.fãos**
só.tão **só.tãos**

Substantivos terminados em consoante no singular:

- (14) oxítonos no singular:
mar **ma.res**
voz **vo.zes**
sol **sóis**
mês **me.ses**
- (15) paroxítonos no singular:
lá.pis **lá.pis**
tú.nel **tú.neis**
már.tir **már.ti.res**

- (16) proparoxítonos no singular:
 ô.ni.bus ô.ni.bus

O caso excepcionalíssimo dos proparoxítonos terminados em -r, com exemplos como *Júpiter* e *lúcifer*, já foi discutido acima.

Em suma, vemos que nos substantivos terminados em vogal ou ditongo no singular, a formação do plural nunca envolve acréscimo de sílabas. Por esse motivo, inclusive, o acento nunca se desloca. Também nos substantivos terminados em consoante no singular, não há deslocamento do acento.

4 Abordagens baseadas no uso

Nas últimas décadas tem se desenvolvido um conjunto de quadros teóricos que rejeita a distinção estrita entre competência e *performance* proposta por Chomsky, nessa ou em outras roupagens. São quadros que consideram que o uso impacta a gramática. Uma das propriedades mais básicas do uso é a frequência. Como exemplo, podemos citar palavras como *obrigado* e *agradecido*, que são sinônimos na função de agradecimento. Mas no uso a palavra *obrigado* é extremamente mais frequente do que *agradecido*. Um resultado disso é que para muitos falantes, ao contrário da palavra *agradecido*, a pronúncia mais espontânea da palavra *obrigado* é aquela em que se omite a sílaba inicial: *brigado*. É importante também destacar que essa elisão da sílaba inicial se dá apenas no uso dessa palavra para agradecer. Seria muito menos provável alguém dizer *Fui brigado a parar o carro*.

Segundo Tummers, Heylen e Geeraerts (2005) a linguística baseada no uso inclui quadros como a Gramática das Construções (BOAS, 2003; CROFT e CRUSE, 2004; GOLDBERG, 1995), a Gramática Emergente (BYBEE, 2001; BYBEE E HOPPER, 2001; MACWHINNEY, 2001; SCHEIBMAN, 2001), e obras sobre a aquisição de linguagem como os trabalhos de Tomasello e colaboradores (por exemplo, TOMASELLO, 2000).

Ainda segundo Tummers, Heylen e Geeraerts (2005, p. 234), os modelos que consideram que os elementos ou níveis da língua formam redes e podem ter graus diferentes de saliência, com destaque para a Gramática Cognitiva e a Gramática das Construções, são especialmente sensíveis a diferenças na frequência de expressões alternativas.

Dois dos tipos principais de efeitos da frequência de ocorrências foram descritos em Bybee (2006). A alta frequência de uso predispõe a mudanças sonoras mais acentuadas. As palavras de uso mais frequente são as mais reduzidas fonologicamente. Não por acaso artigos, conjunções e preposições, que estão entre as palavras de frequência mais alta na língua, tendem a ser palavras átonas, não se caracterizando como palavras prosódicas.

Evidente que a frequência de uso de determinadas palavras vai variar dependendo das variedades pesquisadas: oral, escrita, formal, informal, e, também, de quais regiões incluídas na pesquisa. Mas a lista de palavras mais frequentes do português apresentada em Davies e Preto-Bay (2008, p. 10) é bastante reveladora. As dez primeiras palavras mais frequentes do português nesse dicionário são, pela ordem: o (artigo definido); de (preposição); em (preposição); e (conjunção); que (conjunção); ser (verbo); um (artigo indefinido); por (preposição); para (preposição); a (preposição). Apenas *ser* é um verbo, mas o verbo de ligação é frequentemente caracterizado como vazio de significado (ALMEIDA 1980), como um verbo sem significação precisa (KURY 1987), ou pelo menos se ressalta seu uso frequente como verbo gramatical, e não lexical (como, por exemplo, TRAVAGLIA, 2003, COELHO, 2006, CASTILHO, 2010). O fato de ser um verbo com papel gramatical acentuado aumenta grandemente sua frequência, colocando-o junto a palavras eminentemente gramaticais, como conjunções, artigos e preposições.

A única palavra dissilábica dessa lista das dez mais frequentes no português e, portanto, em tese necessariamente acentuada, é *para*. Essa preposição, porém, mais comumente na fala ocorre na forma *pra*, também átona.

O segundo efeito apontado em Bybee (2006) é que morfologicamente, por outro lado, a alta frequência torna as palavras de flexão irregular resistentes à regularização. Faz sentido pensar que uma palavra rara, como o verbo *jazer*, dificilmente manteria na memória dos falantes o fato de que seu pretérito perfeito era *jouve* no português arcaico, e acabou sendo regularizado. Os verbos mais frequentes são os mais irregulares. Na listagem de Davies e Preto-Bay (2008) são os seguintes os dez verbos mais frequentes, com sua classificação entre parênteses: *ser* (6ª palavra mais frequente), *ter* (13ª), *estar* (18ª), *fazer* (21ª), *poder* (22ª), *haver* (29ª), *ir* (30ª), *dizer* (34ª), *dar* (36ª) e *ver* (40ª). Todos eles são verbos irregulares.

Nessa perspectiva da importância da frequência, espera-se que casos mais frequentes tendam a ser mais preservados, como veremos na seção 7.

5 Sistemas adaptativos complexos

Esta seção se baseia em Albano (2012), sendo complementada por observações presentes em de Bot, Lowie e Verspoor (2007).

Segundo Albano (2012, p. 4): “Na Física e na Matemática, a noção de sistema dinâmico surgiu da necessidade de se construir uma teoria geral dos sistemas que passam de um estado a outro no tempo de forma regrada, ainda que se iniciem de forma aleatória”. O uso da noção de sistemas dinâmicos na linguística possibilita incorporar em suas análises o tempo e o movimento, que haviam sido excluídos anteriormente da linguística por razões metodológicas.

Nas abordagens dinâmicas, um conceito chave é o de atrator, que Albano (2012, p. 5) define como “um ponto no espaço de estados de um sistema dinâmico para o qual a sua trajetória tende a convergir em todas as suas iterações”. Destaco aqui o papel das iterações e de sua relação com a frequência. Quanto ao tema deste artigo, os casos de uso mais frequente funcionam como atratores. Quanto mais frequentes, mais tendem a ser usados. Os casos mais raros tendem a ser menos usados quanto menos frequentes forem.

Entre os sistemas complexos se incluem os sistemas adaptativos complexos, como a língua, sistemas nos quais as propriedades do todo vão além da soma pura e simples das propriedades de suas partes, sendo imprevisíveis a partir delas (HOLLAND, 1992 apud ALBANO, 2012). Como ressalta Albano (2012, p. 8), “[p]ara ser adaptativo, um sistema complexo deve, além disso, aprender com a experiência”. Essa concepção é muito frutífera para entendermos o funcionamento da linguagem nos indivíduos e nas comunidades. A citação a seguir de Albano (2012) resume muito bem o funcionamento da língua nessa perspectiva:

Quando se pensa a capacidade linguística não como um módulo mental à parte, mas como um sistema emergente, enraizado, ontogenética e filogeneticamente, no funcionamento cognitivo geral e na interação social, o todo pode se comportar como mais que uma soma de partes de maneiras várias e complexas. Assim, regularidades linguísticas emergiriam espontaneamente do uso,

o qual, por sua vez, teria emergido da diversidade das interações sociais, as quais, por sua vez, teriam emergido de capacidades sócio-cognitivas gerais compartilhadas – p.ex., a atenção e a ação conjuntas, a imitação, a reciprocidade, etc. Uma vez emergidas, essas partes se retroalimentariam e alimentariam umas às outras, formando um todo intrincado cuja evolução é apenas parcialmente previsível. (ALBANO, 2012, p. 8-9)

Do trabalho de De Bot, Lowie e Verspoor (2007), além da afirmação dos autores de que as iterações desempenham um papel crucial na teoria dos sistemas dinâmicos (p. 13), ressaltamos a interconectividade total das partes de um sistema dinâmico: todas as variáveis são interrelacionadas, de modo que uma alteração em uma variável pode ter impacto em todas as outras variáveis. Aplicadas à análise linguística, temos que uma mudança em uma parte da gramática, morfologia, sintaxe, léxico, semântica ou fonologia, por exemplo, pode impactar qualquer uma das outras ou todas as outras. No caso deste artigo, uma mudança morfológica, a perda do sistema de casos, levou a uma modificação no sistema fonológico: a imobilidade do acento em lexemas não verbais. Outra característica fundamental dos sistemas dinâmicos (DE BOT, LOWIE E VERSPOOR, 2007, p. 15) é a dependência das condições iniciais que ele apresenta em seu desenvolvimento, ou seja, conhecer o estado inicial de um sistema nos ajuda a entender seu estado atual. Dessa forma, conhecer em detalhes as características da língua latina nos ajuda, e muito, a entender por que o português é como é. Óbvio que o momento inicial também é relativo. Se estudamos o sistema de acento português e como ele se desenvolveu a partir do latino, o latim é o ponto inicial, mas se estudamos o sistema de acento latino e como ele se desenvolveu a partir do indoeuropeu, é o indoeuropeu que é o ponto inicial.

6 O sistema de acento latino

Hayes (1995) faz uma distinção entre dois sistemas de acento: acento rítmico e acento morfológico. Os sistemas de acento rítmico levam em consideração apenas fatores fonológicos, tais como a localização das sílabas na palavra e a estrutura interna delas. Os sistemas de acento morfológico levam em conta outros fatores, tais como a distinção entre raízes e afixos, e afixos com propriedades acentuais variadas, os quais podem ser inerentemente acentuados ou inerentemente não acentuados, atribuir acento à sílaba anterior e assim por diante.

Diferentemente das línguas românicas (LOPORCARO 2011, p. 90)⁶, o sistema de acento latino era claramente um sistema de acento determinado por fatores exclusivamente fonológicos. As formas de palavras de qualquer classe gramatical tinham seu acento determinado apenas pelo peso da penúltima sílaba.

Palavras de três sílabas ou mais podiam ser paroxítonas ou proparoxítonas. Dissílabos só podiam ser paroxítonas. Esses dois fatos se explicam atribuindo extrametricidade à sílaba final latina (LIBERMAN; PRINCE, 1977; MESTER, 1994), um mecanismo formal que marca uma sílaba como ignorada pelas regras de acento. Para fins de acentuação, é como se ela não estivesse lá (HAYES, 1982, p. 227). A extrametricidade é assinalada nos exemplos abaixo com a notação convencional: os parênteses angulares <>. Em latim, só os monossílabos podiam ser oxítonos. Nesse caso ficava revogada a extrametricidade, pois ela tornaria esses vocábulos átonos. Resumindo as possibilidades de acento no latim temos⁷:

- (17) (...)σ̇σ<σ> (palavras de três ou mais sílabas proparoxítonas)
 (...)σ̇σ<σ> (palavras de três ou mais sílabas paroxítonas)
 σ̇<σ> (palavras de duas sílabas necessariamente paroxítonas)
 σ (palavras de uma sílaba oxítonas)

Se considerarmos os constituintes da sílaba como sendo ataque (ou *onset*), núcleo e coda, e a rima como sendo um constituinte intermediário formado pelo núcleo e pela coda, vemos que a distinção entre sílabas leves e pesadas em latim estava relacionada à rima da sílaba. Uma sílaba leve tinha apenas um segmento na rima (uma vogal breve), a qual era, portanto, não ramificada. Já uma sílaba pesada tinha mais de um segmento, podendo ser uma vogal longa, um ditongo ou uma vogal seguida de consoante.

Nos exemplos a seguir, todos de adjetivos presentes também no português⁸, as vogais são marcadas com diacríticos, como se faz tradicionalmente, sendo, por exemplo, [ĩ], com o diacrítico denominado

⁶ “[...] Romance stress, synchronically, cannot be accounted for in purely phonological terms...”

⁷ Evidentemente não estão incluídos aqui os monossílabos átonos, clíticos, que não chegavam a ser palavras fonológicas.

⁸ Três são menos óbvios: *illáesus* corresponde a *ileso*; *apértus*, a *aberto*; e *amóenus* a *ameno*.

bráquia, uma vogal breve, e [ī], com o diacrítico denominado *mácron*, uma vogal longa. Faça essa distinção aqui apenas nas vogais da penúltima sílaba.

(18)	op.tī.mus	me.di.ō.cris	pro.spē.rus
	ex.trē.mus	as.tū.tus	no.cī.vus
	in.cau.tus	il.læ.sus	a.mœ.nus
	au.gus.tus	a.pér.tus	con.ten.tus

Nas palavras da primeira linha, como a penúltima sílaba termina em vogal breve, essa era uma sílaba leve e o acento caía na antepenúltima. Na segunda, terceira e quarta linhas temos, respectivamente, adjetivos em que a penúltima sílaba termina em vogal longa, ditongo ou vogal seguida de consoante, sendo todos esses tipos de sílaba considerados pesadas. Consequentemente, os adjetivos dessas linhas são todos paroxítonos.

Como o acento em latim era estritamente determinado pela fonologia, seguindo sempre as mesmas regras, independente da classe gramatical da palavra, havia a possibilidade de o acento primário se deslocar dentro do paradigma. Era o que acontecia com *a.mo* vs *a.ma.bī.mus*, *a.lum.nus* vs. *a.lum.nō.rum*, *ex.trē.mus* vs. *ex.trē.mō.rum* respectivamente ‘amo’ e ‘amaremos’, e ‘aluno’ (NOM SG) E (GEN PL), ‘EXTREMO’ (NOM SG MASC) E (GEN PL MASC).

No caso de *ámo* vs *amábīmus* seria impossível a manutenção do acento, pois, dada a extrametricidade da sílaba final, a forma *ámo* só pode ser acentuada na sílaba inicial, ao passo que a forma *amábīmus*, que tem três sílabas após a sílaba inicial, jamais poderia ser acentuada na sílaba inicial, respeitando a janela de três sílabas mencionada na seção 3.

A situação de *alúmnus* vs. *alumnōrum* é um pouco diferente, pois em *alúmnus* o acento incide na segunda sílaba, que é pesada (*lum*). A forma do genitivo plural *alumnōrum* tem duas sílabas após essa segunda sílaba, mas a penúltima é pesada (*nō*), o que impede que o acento caia na mesma sílaba do nominativo singular.

Resumindo, em palavras não monossilábicas, a sílaba final era extramétrica, mesmo que pesada, não podendo ser acentuada. Se havia formas do paradigma em que havia uma ou mais sílabas acrescentadas após essa sílaba, o acento se deslocava. Duas situações desse tipo eram as seguintes:

Se a penúltima era leve e a última pesada, com o acréscimo de uma sílaba ao final, a sílaba pesada passa a ser a penúltima e atrai o acento:

(19)	na.tī.ō	na.tī.ō.nis
------	---------	-------------

Se havia o acréscimo de duas sílabas, o acento necessariamente se desloca em consequência da janela de três sílabas:

(20) *car.men car.mi.ni.bus*

Vejam agora em detalhes o que acontecia com o acento nos paradigmas de substantivos, adjetivos e mais sucintamente em verbos no latim.

6.1 Acentuação em paradigmas de substantivos e adjetivos (as cinco declinações)

O latim possuía cinco declinações de substantivos. A característica que define cada uma é o genitivo singular: em æ na 1ª declinação, em ī na 2ª, em īs na 3ª, em ūs (ou u) na 4ª e em ei na 5ª. Examinaremos a seguir cada uma delas, para verificar se os substantivos de cada declinação tinham acento móvel ou fixo na mesma sílaba em todo o paradigma. Ressaltarei ao final da exposição de cada declinação quais os casos que apresentavam deslocamento do acento. Para distinguir os casos de alguns substantivos, assinalo também a quantidade longa das vogais de desinências, mesmo que estejam na última sílaba.

Vejam primeiro dois substantivos da primeira declinação, um com nominativo singular paroxítono (*stel.lă* ‘estrela’) e outro proparoxítono (*a.quī.la* ‘águia’)⁹:

(21)	Singular	Plural	Plural	Plural
Nominativo	<i>stel.lă</i>	<i>stel.læ</i>	<i>a.quī.la</i>	<i>a.quī.læ</i>
Vocativo	<i>stel.lă</i>	<i>stel.læ</i>	<i>a.quī.la</i>	<i>a.quī.læ</i>
Genitivo	<i>stel.læ</i>	<i>stel.lā.rum</i>	<i>a.quī.læ</i>	<i>a.quī.lā.rum</i>
Dativo	<i>stel.læ</i>	<i>stel.lis</i>	<i>a.quī.læ</i>	<i>a.quī.līs</i>
Ablativo	<i>stel.lă</i>	<i>stel.lis</i>	<i>a.quī.lā</i>	<i>a.quī.līs</i>
Acusativo	<i>stel.lam</i>	<i>stel.las</i>	<i>a.quī.lam</i>	<i>a.quī.las</i>

Observando o paradigma da primeira declinação, vemos que quase todas as formas têm o mesmo número de sílabas, ou seja, duas em *stella* e três em *aquila*. Nas formas dissilábicas de *stella*, obviamente, o acento cai na primeira. A única forma de três sílabas é o genitivo plural, que tem uma vogal longa na penúltima sílaba, sendo, portanto,

⁹ Doravante, quando me referir a um substantivo oxítono, paroxítono ou proparoxítono, estarei me referindo ao seu nominativo singular.

paroxítona. Assim, no caso do genitivo plural de *stella*, diferentemente de todas as outras formas, o acento cai na segunda sílaba. Nas palavras proparoxítonas, como *aquila* ‘águia’, o deslocamento do acento era ainda maior, pois em vez de cair na sílaba inicial da raiz (e da palavra) como na maior parte do paradigma, em *aquilārum* ele caía na vogal temática da primeira declinação, que se encontra na terceira sílaba. Dessa forma vemos que todas as palavras da primeira declinação tinham deslocamento do acento no genitivo plural.

Agora examinaremos o que ocorria na segunda declinação, novamente com um substantivo paroxítono (*bel.lum* ‘guerra’), neutro, e outro proparoxítono (*do.mī.nus* ‘senhor’), masculino:

(22)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	bel.lum	bel.la	do.mī.nus	do.mī.nī
Vocativo	bel.lum	bel.la	do.mī.ne	do.mī.nī
Genitivo	bel.lī	bel.lō.rum	do.mī.ni	do.mī.nō.rum
Dativo	bel.lō	bel.līs	do.mī.nō	do.mī.nīs
Ablativo	bel.lō	bel.līs	do.mī.nō	do.mī.nīs
Acusativo	bel.lum	bel.la	do.mī.num	do.mī.nōs

A situação é idêntica à da primeira declinação, pois a única desinência que força a mudança do acento presente em todas as outras formas do paradigma é o genitivo plural. Novamente, há um deslocamento de uma sílaba nas palavras paroxítonas e duas sílabas nas proparoxítonas. Havia ainda outros paradigmas ligeiramente distintos como o de *vir*, *virī* ‘homem’, em que o nominativo singular não tem o sufixo -us, mas isso não altera o quadro geral.

(23)	Singular	Plural
Nominativo	vir	vi.rī
Vocativo	vir	vi.rī
Genitivo	vi.rī	vi.rō.rum
Dativo	vi.rō	vi.rīs
Ablativo	vi.rō	vi.rīs
Acusativo	vi.rum	vi.rōs

A terceira declinação é a mais heterogênea. Ela continha substantivos parissílabos, que tinham o mesmo número de sílabas no nominativo e no genitivo singular, e imparissílabos, em que o número de sílabas era diferente, além de abranger substantivos dos três gêneros. Os exemplos a seguir ilustram em grande parte essa diversidade.

(24)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	ma.re	ma.rĩ.a	rex	re.gēs
Vocativo	ma.re	ma.rĩ.a	rex	re.gēs
Genitivo	ma.ris	ma.rĩ.um	re.gīs	re.gum
Dativo	ma.rĩ	ma.rĩ.bus	re.gĩ	re.gĩbus
Ablativo	ma.rĩ	ma.rĩ.bus	re.ge	re.gĩbus
Acusativo	ma.re	ma.rĩ.a	re.gem	re.gēs
(25)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	mi.les	mi.lĩ.tēs	cus.tos	cus.tō.dēs
Vocativo	mi.les	mi.lĩ.tēs	cus.tos	cus.tō.dēs
Genitivo	mi.lĩ.tis	mi.lĩ.tum	cus.tō.dis	cus.tō.dum
Dativo	mi.lĩ.tĩ	mi.lĩ.tĩ.bus	cus.tō.dĩ	cus.tō.dibus
Ablativo	mi.lĩ.te	mi.lĩ.tĩ.bus	cus.tō.de	cus.tō.dibus
Acusativo	mi.lĩ.tem	mi.lĩ.tēs	cus.tō.dem	cus.tō.dēs
(26)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	cor.pus	cor.pō.ra	a.nĩ.mal	ani.mā.lĩ.a
Vocativo	cor.pus	cor.pō.ra	a.nĩ.mal	ani.mā.lĩ.a
Genitivo	cor.pōris	cor.pō.rum	ani.mā.lis	ani.mā.lĩ.um
Dativo	cor.pōrĩ	cor.po.rĩ.bus	ani.mā.lĩ	ani.mā.lĩ.bus
Ablativo	cor.pōre	cor.po.rĩ.bus	ani.mā.lĩ	ani.mā.lĩ.bus
Acusativo	cor.pus	cor.pō.ra	a.nĩ.mal	ani.mā.lĩ.a

O significado dos exemplos é o seguinte: *mare* ‘mar’, *rex* ‘rei’, *miles* ‘soldado’, *custos* ‘vigia’, *corpus* ‘corpo’ e *animal* ‘animal’.

Provavelmente a lista acima não esgota todas as possibilidades da terceira declinação, mas ilustra a variedade encontrada. Quase todos os substantivos acima são imparissilábicos. Só o primeiro, *mare*, é parissilábico. Vejamos o que ocorre na declinação deste. Esse substantivo especificamente é dissilábico em todos os casos no singular. Sendo assim, seu acento não se desloca no singular. Já no plural, todas as formas são trissilábicas. Como a penúltima sílaba termina em vogal breve, é leve, e não atrai o acento. Assim, o acento é proparoxítono no plural, permanecendo na mesma sílaba do singular, não se deslocando no paradigma.

O substantivo *rex*, que tem apenas uma sílaba no nominativo singular, apesar de ser imparissilábico, tem um quadro equivalente ao de *mare* com relação ao acento, pois este se mantém na sílaba inicial em todo o paradigma, já que nos únicos casos em que há uma forma

trissilábica, a penúltima sílaba termina em *i* breve, sendo, portanto, leve. Já os substantivos *miles* e *corpus* têm acento inicial tem o acento deslocado nas formas do dativo e do ablativo plural, porque passam a ter quatro sílabas e não podem mais preservar seu acento na sílaba inicial, que ficaria fora da janela de três sílabas. Por outro lado, o substantivo *custos* tem o acento na segunda sílaba na maior parte do seu paradigma, em consequência de ter uma vogal longa nesta segunda sílaba. Isso impede que o acento recue além da segunda sílaba, a não ser no nominativo, que é dissilábico, não podendo ser oxítono. Por fim, o substantivo *animal* é um caso minoritário, que apresenta acento deslocado no nominativo, no vocativo e no acusativo, por terminar em vogal breve na segunda sílaba e em vogal longa na terceira sílaba a partir do início da palavra. Isso força o acento a cair na terceira sílaba na maior parte do paradigma, a não ser quando ela é a última sílaba da palavra, a qual é extramétrica. Em síntese, vemos que a grande maioria dos substantivos da terceira declinação apresenta deslocamento do acento.

Agora vejamos um substantivo paroxítono (*mánus* ‘mão’) e outro proparoxítono (*exércitus* ‘exército’) da quarta declinação:

(27)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	ma.nus	ma.nūs	e.xer.cī.tus	e.xer.cī.tūs
Vocativo	ma.nus	ma.nūs	e.xer.cī.tus	e.xer.cī.tūs
Genitivo	ma.nūs	ma.nū.um	e.xer.cī.tūs	e.xer.cī.tū.um
Dativo	ma.nū.i	ma.nī.bus	exer.cī.tū.i	e.xer.cī.tī.bus
Ablativo	ma.nū	ma.nī.bus	e.xer.cī.tū	e.xer.cī.tī.bus
Acusativo	ma.num	ma.nūs	e.xer.cī.tum	e.xer.cī.tūs

Vemos que os substantivos que são paroxítonos têm acento fixo, enquanto que os que são proparoxítonos têm acento móvel, pois como o acento já está no limite da janela de três sílabas, se passam a ter mais sílabas, o que ocorre no dativo singular, bem como no genitivo, dativo e ablativo plurais, necessariamente o acento avança. No latim vulgar, a quarta declinação tendeu a desaparecer, e seus substantivos passaram à segunda.

Por fim vejamos os dois únicos substantivos da quinta declinação com declinação completa: *res* ‘coisa’ e *dies* ‘dia’:

(28)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	res	res	di.es	di.es
Vocativo	res	rés	di.es	di.es
Genitivo	rē.i	rē.rum	di.ē.i	di.ē.rum
Dativo	rē.i	rē.bus	di.ē.i	di.ē.bus
Ablativo	rē	rē.bus	di.ē	di.ē.bus
Acusativo	rem	res	di.em	di.es

Como *res* tinha no máximo duas sílabas, seu acento só podia cair na primeira, e seu acento era fixo. Já *dies*, que no latim vulgar passou à primeira declinação¹⁰, apresentava deslocamento acentual no genitivo, dativo e ablativo plural, que tinham vogal longa na penúltima sílaba. A quinta declinação, já muito pequena, tendeu a desaparecer, com seus substantivos passando para a primeira declinação¹¹.

Os adjetivos funcionavam de maneira muito semelhante aos substantivos. Os adjetivos de primeira classe se declinavam no masculino e no neutro como substantivos da segunda declinação, enquanto o feminino se declinava como substantivos da primeira declinação. Os adjetivos da segunda classe se declinavam quase como substantivos da terceira declinação. Praticamente a única diferença era que no ablativo singular os substantivos normalmente tinham -e e os adjetivos tinham -ī, mas isso não altera o padrão acentual.

Resumindo, temos o seguinte: nenhuma declinação era constituída somente de palavras com acento fixo. Apenas os substantivos com nominativo singular monossilábico, parte dos paroxítonos da terceira declinação, todos os paroxítonos da quarta declinação e o substantivo *res* da quinta declinação tinham acento fixo. Fora isso, os substantivos apresentavam deslocamento do acento em seu paradigma em latim.

¹⁰ A partir de *dies* era formado o composto *meridies*, meio-dia.

¹¹ Todos os outros substantivos da quinta declinação oscilavam, já no latim clássico, entre a quinta e a primeira declinação, por ex: *matēres* ou *matēria*. A maioria desses era usado apenas no singular (*singularia tantum*).

6.2 Acentuação em paradigmas de substantivos e adjetivos (examinando caso a caso)

Nesta seção examino especificamente quais casos apresentavam deslocamento do acento entre singular e plural. Praticamente se pode deixar de lado o vocativo, porque ele só tinha forma distinta em parte dos substantivos masculinos da segunda declinação, os terminados em -us, em sua maioria com vocativo em -e.

Em vez de focalizar em cada declinação, recapitulo aqui os dados mas com o intuito de explicitar se havia deslocamento do acento entre singular e plural em cada um dos casos. O objetivo aqui é deixar claro que o fato de o acusativo ter sido o caso lexicogênico do português fez com que o acento se tornasse fixo, e que isso não teria acontecido se tivesse sido qualquer outro o único caso remanescente da declinação latina.

No nominativo, embora o deslocamento de acento fosse restrito à terceira declinação, um grande número de substantivos dessa declinação apresentava esse deslocamento. Esse grupo inclui, além de exemplos como *custos*, *custōdis*, visto acima, todas os *nomina agentis* em -or, como *imperator*, *imperatōris*, todos os substantivos em -o, -onis, que incluem, além de nomes próprios como *Cicero*, *Ciceronis* e comuns como *caupō*, *caupōnis* ‘comerciante, taberneiro’ e todos os *nomina actionis* em -o, -onis como *attractiō*, *attractiōnis* ‘contração, atração’. Esses *nomina agentis* e esses *nomina actionis* eram duas classes de derivados extremamente robustas e se mantiveram nas línguas românicas em geral, o que levaria à preservação de algum deslocamento de acento.

No genitivo, todos os substantivos da primeira e da segunda declinação apresentavam deslocamento do acento do singular para o plural, como os citados *stellā*, com genitivos singular e plural, respectivamente, *stel.læ* e *stel.lā.rum*; *aquilā*, com genitivos *a.qui.læ* e *a.qui.lā.rum*; *bellum*, com genitivos *bel.lī*, *bel.lō.rum*; *dominus*, com genitivos *do.mi.nī*, *do.mi.nō.rum*; e *vir*, com genitivos *vi.rī*, *vi.rō.rum*. Na terceira declinação, não havia deslocamento de acento no genitivo. Na 4ª declinação, todos os substantivos com singular proparoxítono apresentavam deslocamento do acento, como o exemplo *e.xer.cī.tus*, com genitivos *e.xer.cī.tūs* e *e.xer.cī.tū.um*. Os dois únicos substantivos com flexão completa da 5ª declinação, *res* e *dies*, não tinham deslocamento. Em suma, toda a 1ª e a 2ª declinações, além de parte dos substantivos da 4ª declinação apresentavam deslocamento do acento no genitivo.

Novamente, se o genitivo fosse o único caso remanescente do latim, teria sido preservado algum deslocamento de acento.

Como o dativo e o ablativo plurais apresentam as mesmas desinências em todas as declinações, podemos analisá-los conjuntamente. Quando for necessário, distingo os dois casos. Na 1ª e 2ª declinações, não havia possibilidade de deslocamento do acento, inclusive porque o número de sílabas era mantido, como nos exemplos *stella*, com dativos *stellæ* e *stellīs*, e ablativos *stellā* e *stellīs*, assim como *dominus*, com dativos e ablativos *dominō* e *dominīs*. Já na 3ª declinação predominava o deslocamento de acento, pois apenas os substantivos que tinham nominativo singular monossilábico, como *rex*, e os parissilábicos que tinham nominativo singular dissilábico, como *mare*, não tinham deslocamento de acento no dativo e no ablativo. Na 4ª todos os substantivos com nominativo singular proparoxítono apresentavam deslocamento do acento no ablativo, como o exemplo *e.xer.cī.tus*, com dativos *e.xer.cī.tū.i* e *e.xer.cī.tī.bus* e ablativos *e.xer.cī.tū* e *e.xer.cī.tī.bus*. Na 5ª declinação, o substantivo *dies*, com ablativos *dī.ē* e *di.ē.bus* apresentava deslocamento, mas não no dativo (*di.ē.i* e *di.ē.bus*). Novamente, um número considerável de substantivos apresentava deslocamento de acento no dativo e no ablativo, ou só no ablativo (na 4ª declinação).

Por fim, o acusativo só apresentava deslocamento de acento na 3ª declinação, mesmo assim, apenas num pequeno subgrupo de substantivos neutros: o de neutros terminados em consoante no singular, como *animal*, *calcar*, *tribunal*. Apresento nos próximos detalhes quais são eles em algum detalhe.

Como apontado na seção 6.1, uma classificação tradicional dos substantivos latinos, principalmente os da 3ª declinação, é a que os subdivide em parissílabos e imparissílabos. Essa classificação se baseia no número de sílabas do substantivo no nominativo e no genitivo singular. Se o número era igual, como no exemplo (15), o substantivo é considerado parissílabo. Se for diferente, como no exemplo (16), é imparissílabo.

(29)	ma.re	ma.ris	‘mar’
	nu.bes	nu.bis	‘nuvem’
	pis.cis	pis.cis	‘peixe’

(30)	no.men	no.mi.nis	‘nome’
	urbs	ur.bis	‘cidade’
	tem.pus	tem.po.ris	‘tempo’

De acordo com Muzenga (2020, p. 8), a maioria dos substantivos tradicionalmente denominados imparissilábicos perdeu historicamente um [i] no nominativo singular. São substantivos como *urbs, urbis* ‘cidade’; *animal, animalis* ‘animal’; *ciuitas, ciutatis* ‘cidadania, cidade’; *mons, montis* ‘montanha’; *fraus, fraudis* ‘fraude’; *calcar, calcaris* ‘espora’. Segundo Muzenga, a variante sem [i] aparece diante de [s] ou zero.

Para que um substantivo da 3ª declinação tivesse deslocamento de acento no acusativo entre singular e plural, eram necessárias várias condições. Em primeiro lugar, ele tinha que ser neutro. Substantivos masculinos e femininos, mesmo os imparissilábicos, apresentavam o mesmo radical no singular e no plural, e as terminações *-em* e *-ēs* no acusativo singular e plural, respectivamente, o que eliminava a possibilidade de deslocamento de acento. Exemplos disso são substantivos como *mulier, mulieris*, que tinha no acusativo as formas *mu.li.ē.rem, mu.li.ē.rēs*, e *sacerdos, sacerdotis*, com acusativos *sa.cer.dō.tem* e *sa.cer.dō.tēs*. Como estou tratando neste ponto apenas de substantivos neutros, estarei me referindo ao acusativo, mas deve ficar claro que as formas do nominativo seriam as mesmas.

Além de serem neutros, uma segunda condição é que terminassem em consoante no acusativo singular. Os únicos tipos que terminavam em vogal no acusativo singular, como *mare*, com plural *maria* e *genu*, com plural *genua*, não apresentam deslocamento de acento.

Uma pesquisa bastante minuciosa feita a partir de Gildersleeve e Lodge (1903) revela o quanto era limitado o número mesmo de neutros com deslocamento do acento na terceira declinação. Primeiro, dos substantivos que não tinham um determinado sufixo, temos apenas os seguintes:

- (31) *ie.cur, ie.cō.ra/ ie.ci.nō.ra*. ‘fígado’ (só com a forma *iecinora*)
i.ter, i.ti.nē.ra. ‘caminho’
ador, adōra/adōra. ‘espécie de trigo’ (havia variação)

Dois desses três casos apresentam uma alternância excepcionalíssima: *ie.cur, ie.ci.nō.ra* e *i.ter, i.ti.nē.ra*. O terceiro apresentava variação. Nenhum deles é um substantivo que tenha sobrevivido no latim vulgar. Se incluirmos os adjetivos no nosso levantamento, há exemplos como o seguinte:

- (32) *vi.gil, vi.gī.lis*. No neutro plural *vi.gī.lī.a*.

Deve-se observar que o deslocamento se daria apenas no neutro, um gênero perdido na maioria das línguas românicas, inclusive o

português. Um grupo potencialmente maior de neutros com nominativo e acusativo em consoante é o dos substantivos em *-men*, com genitivo em *-mīnis*. No entanto, dos mais de 100 lexemas com essa terminação, apenas 7 apresentavam deslocamento de acento: *colūmen*, *cyclāmen*, *genīmen*, *regīmen*, *specīmen*, *tegīmen*, *tegūmen*. O deslocamento só ocorre nesses termos porque eles têm pelo menos três sílabas no acusativo singular e a sílaba imediatamente antecedente ao sufixo *-men* é leve, pois termina em vogal breve. Ou seja, precisava haver uma conjunção de quatro fatores para que ocorresse o deslocamento do acento: 1) o substantivo ser neutro; 2) ter pelo menos três sílabas no nominativo/acusativo singular; 3) terminar com o sufixo *-men*; 4) ser precedido de sílaba leve.

A maioria dos substantivos em *-men* tinha vogal longa antes do sufixo, e por isso não tinham deslocamento de acento.

- (33) cer.tā.men cer.tā.mi.na ‘competição’
 al.bū.men al.bū.mi.na ‘clara do ovo’

Boa parte também era dissilábico no acusativo singular, ou seja, mesmo que fosse acrescentada uma sílaba o acento não se deslocaria:

- (34) car.men car.mi.na ‘verso’
 ful.men ful.mi.na ‘raio,
 relâmpago’

Um detalhe crucial é que esses substantivos não foram preservados com essa forma na grande maioria das línguas românicas, incluindo o português. O sufixo *-men*, por exemplo, só manteve o [n] final em sardo e aragonês, como se pode verificar recolhendo as informações esparsas sobre esse sufixo em Rainer (2018). Com isso, passou a funcionar como os demais substantivos em *e*, recebendo *s* no plural, e não apresentando deslocamento de acento.

Sintetizando o que foi apresentado nesta seção: quase todos os casos apresentam um número considerável de substantivos com deslocamento de acento. O único caso que apresentava deslocamento do acento entre o singular e o plural, mas em número ínfimo de palavras, era o acusativo. Esse levantamento será crucial para sustentar a análise feita na seção 7.

6.3 Acentuação em paradigmas verbais

Os verbos tinham um paradigma bem mais extenso. Por esse motivo, e por eles já terem acento móvel no português, utilizarei aqui apenas algumas formas do verbo para demonstrar isso. Se considerarmos a vogal temática, assim como no português, o acento podia cair numa sílaba antes da vogal temática, na sua sílaba, ou na sílaba seguinte. Apresento a seguir exemplos de cada uma das conjugações:

(35)	1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	4ª conjugação
	a.mat	de.let	le.git	au.dit
	a.ma.bĩmus	de.lē.bĩmus	le.gē.mus	au.di.e.bĩmus
	ama.vē.runt	de.lē.vē.runt	le.gē.runt	au.di.vē.runt
	‘amar’	‘destruir’	‘ler’	‘ouvir’

O verbo citado como exemplo da terceira conjugação apresenta um deslocamento mais restrito do acento porque a única distinção entre o radical do imperfeito e o do perfeito é que o primeiro tem uma vogal breve e o segundo tem uma vogal longa, não havendo aumento no número de sílabas. Um verbo como *cupiõ*, *cupĩvi* ‘desejar’ apresentaria um deslocamento maior. Como o acento é móvel no verbo em português, não me estendo nesse ponto com relação ao latim. Passemos, então, a examinar por que o acento móvel nos substantivos passou a ser fixo.

7 Do latim para as línguas românicas, com destaque para o português

Como diversos autores já apontaram (por ex. COUTINHO, 1976; BELCHOR, 2018), o acusativo foi o caso lexicogênico do português, isto é, os substantivos e adjetivos do português têm sua forma derivada do acusativo dos correspondentes latinos. Embora as gramáticas históricas falem de resquícios dos casos latinos em substantivos e adjetivos portugueses, trata-se, na verdade, de palavras que contêm formas de outros casos, mas que foram herdadas do latim ou entraram mais por via erudita já nessa forma. São exemplos como *crucifixo*, *fidedigno* e *agora*. Em *crucifixo* temos uma forma do dativo, ‘fix(ad)o à cruz’, mas ela não funciona mais como dativo. Da mesma forma, *fidedigno* contém o ablativo *fide* ‘digno de fé’ e *agora* é derivado de *hac hora* ‘nesta hora’, mas só as formas vêm do ablativo. Nem *fide* nem *agora* funcionam como ablativos.

Uma questão importante nesse contexto é: por que de todos os casos latinos só restaram formas do acusativo em substantivos e adjetivos? Numa abordagem baseada no uso, uma hipótese a ser considerada é a frequência de uso de cada caso. Seria de se esperar que os casos com maior frequência textual tivessem maior probabilidade de serem preservados que os com menor frequência.

Um levantamento muito esclarecedor nesse sentido é o realizado em Brightbill e Kosch (2012). Eles se basearam em doze textos de autores diferentes de gêneros variados do século III AC até o século IV DC. O procedimento usado foi fazer o levantamento de casos e preposições, parando o levantamento de cada texto após atingir 500 ocorrências, não imediatamente, mas sim indo até o fim da sentença em que esse número fosse atingido. Por esse motivo o número de ocorrências não foi exatamente igual para cada texto, indo até 516 num deles. O objetivo era identificar as funções dos sintagmas preposicionais e de cada caso. No entanto, nos sintagmas preposicionais não foi identificado o caso do nominal regido pela preposição, sendo cada ocorrência incluída na categoria *preposição*, separada dos casos. Vejamos a tabela 1, que resume as frequências encontradas.

Tabela 1 – Frequência dos casos ou preposição latinos

	Frequência
Nominativo	32,0
Acusativo	21,6
(Preposição)	16,2
Ablativo	12,2
Genitivo	11,3
Dativo	6,7

Fonte: Brightbill e Kosch (2012).

O nominativo se destaca claramente como o caso mais usado, seguido do acusativo. Deve se ressaltar, no entanto, que Brightbill e Kosch incluíram na contagem do nominativo os casos de sujeito nulo. Da perspectiva de uma linguística baseada no uso, no entanto, a análise é voltada para os fenômenos de superfície (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001), não se postulando a existência de pronomes nulos, por exemplo, que teriam essas formas casuais. Nessa perspectiva, a inclusão de nominativos nulos distorce as porcentagens.

Outro questionamento é o que aponta que, se foram considerados os nominativos nulos, por que não incluir também acusativos nulos, por exemplo? Como os apêndices contêm os dados separando nominativos realizados e nominativos nulos, fiz essa limpeza nos dados e obtive as seguintes frequências:

Tabela 2 – Frequência dos casos ou preposição excluindo os nominativos nulos

	Frequência Corrigida
Nominativo	24,9
Acusativo	23,8
(Preposição)	17,9
Ablativo	13,5
Genitivo	12,5
Dativo	7,4

Como meu objetivo é diferente do de Brightbill e Kosch, considerando que após preposição o substantivo está sempre em algum caso, opto por dividir esses dados entre os casos relevantes. Embora os apêndices contenham os textos completos de onde os dados foram extraídos, em vez de fazer todo o levantamento manual do número de ocorrências de cada caso após preposição, faço aqui uma estimativa considerando o uso das preposições em latim.

Como estimar a frequência textual de cada caso após preposição? Os casos que eram usados com preposição em latim eram o genitivo, o ablativo e o acusativo.

Segundo Allen e Greenough (1903, p. 130-131), as preposições eram usadas apenas com o ablativo ou com o acusativo em latim. No levantamento dos autores, 29 ou 30 preposições latinas eram usadas exclusivamente com o acusativo. Eles listam *cis* e *citra* como uma preposição. Se as considerarmos duas preposições diferentes, serão 30 no total. Além dessas, havia dez preposições usadas exclusivamente com o ablativo, e mais quatro preposições usadas tanto com o ablativo quanto com o acusativo.

Pinkster (2015, p. 1030-31), ao contrário de Allen e Greenough, lista seis preposições usadas com o genitivo, mas quase todas são substantivos no ablativo com uso ocasional comparável ao de uma preposição (*beneficio*, *causa*, *fini*, *gratia*, *merito*). Apenas *ergo* é estritamente uma preposição e, mesmo assim, ela não consta nem da lista

das mil palavras mais frequentes em latim de Francese (2014). Portanto, o uso de preposições com genitivo era quase inexistente.

Em suma, então, as preposições latinas regiam acusativo ou ablativo, e o número de preposições usado com o acusativo era bem maior que o das usadas com o ablativo. Contudo, um outro fator importante é não só o simples número de preposições usadas com cada caso, mas a frequência de cada uma delas.

Embora o número de preposições de ablativo seja bem menor, Diederich (1939) lista *ab*, *cum*, *de* e *e/ex* entre as 30 palavras mais frequentes do latim. Por outro lado, dentre as preposições de acusativo só *ad* e *per* estão entre as 30 palavras mais frequentes, embora sejam respectivamente a décima e a vigésima segunda mais frequente. A única outra preposição de acusativo entre as 100 palavras mais frequentes é *inter* (a 90ª).

Já no levantamento de Francese (2014), *ab*, *cum*, *de* e *e/ex* estão entre as 50 palavras mais frequentes do latim. Quanto às preposições de acusativo, *ad* é a 15ª, *per* é a 31ª, e *inter* é a 65ª palavra mais frequente.

Em suma, apesar de haver um número bem maior de preposições de acusativo, várias têm frequência bem baixa, tais como *circiter*, *erga* e *pone*. Já as preposições de ablativo, embora bem menos numerosas, têm uma porcentagem maior de preposições de altíssima frequência. Considerando esses dois fatores, e consciente da imprecisão inerente a uma estimativa desse tipo, dividi as 995 ocorrências de preposição no levantamento de Brightbill e Kosch da seguinte forma: 5 incluí entre as ocorrências de genitivo, e as 990 restantes dividi igualmente entre acusativo e ablativo, para pelo menos poder estimar grosseiramente a frequência dos casos pura e simplesmente. O resultado é o que aparece na tabela 3:

Tabela 3 – Frequência dos casos com estimativa baseada na divisão dos usos com preposição

	Frequência Corrigida 2
Nominativo	24,9
Acusativo	32,7
Ablativo	22,4
Genitivo	12,6
Dativo	7,4

Se essa análise estiver próxima do que se encontrava em termos de frequência de casos simplesmente, o acusativo se destaca claramente. É possível que a frequência de fato do acusativo tenha sido algo entre 30 e 35 %, caso a distribuição por igual entre acusativo e ablativo feita aqui entre as ocorrências listadas como preposição por Brightbill e Kosch não corresponda aos fatos. Mesmo assim, o acusativo continuaria sendo o caso mais frequente. Sendo assim, numa perspectiva baseada no uso, seria de se esperar que na eventualidade de um único caso sobreviver, haveria grandes chances que fosse o acusativo.

Que consequência teve para o acento a sobrevivência unicamente do acusativo? Praticamente a totalidade dos substantivos e adjetivos passou a ter acento fixo. Retomando os exemplos vistos na seção 3.1, temos a sobrevivência das seguintes formas em cada declinação:

(36)	1ª	stel.la(m)	stel.las	a.qui.la(m)	a.qui.las
	2ª	bel.lu(m)	bel.la	do.mi.nu(m)	do.mi.nos
	3ª	re.ge(m)	re.ges	ca.ne(m)	ca.nes
		mi.lite(m)	mi.li.tes	cus.tõ.de(m)	cus.tõ.des
		cor.pus	cor.põ.ra	a.ni.mal	a.ni.ma.lia
	4ª	ma.nu(m)	ma.nūs	e.xer.ci.tu(m)	e.xer.ci.tūs

Esse quadro não corresponde exatamente às formas do latim tardio, pois nessa época as declinações já haviam se reestruturado. A quarta se fundiu com a segunda, a quinta com a primeira, e desapareceu o gênero neutro, com a passagem dos substantivos neutros para o gênero masculino. Em algum momento entre o latim tardio e o início da formação do português, já teríamos apenas formas como¹²:

(37)	stel.la	stel.las	a.qui.la	a.qui.las
	bel.lu	bel.los	do.mi.nu	do.mi.nos
	re.ge	re.ges	ca.ne	ca.nes
	mi.li.te	mi.li.tes	cus.to.de	cus.to.des
	cor.pu	cor.pos	(a.ni.ma.le	a.ni.ma.les)¹³
	ma.nu	ma.nos	e.xer.ci.tu	e.xer.ci.tos

¹² Mantenho o -u final do singular como -u, ao lado de -os do plural, por causa de fenômenos como a alteração de timbre da vogal da raiz causada pelo -u na história do português, ficando assim com *ovo* tendo [o] na sílaba inicial e *ovos* mantendo o [ɔ] que já tinha.

¹³ Segundo Mário Eduardo Viaro (comunicação pessoal), esse substantivo não entrou no português por via popular. As formas que coloquei entre parênteses mostram o que teria ocorrido se tivesse permanecido a forma masculina do adjetivo *animalis*, *is*.

Vemos por esses dados que a quase totalidade dos substantivos ficou com acento na mesma sílaba no singular e no plural. Outro fator importante a ser examinado é a preservação da posição do acento do latim para as línguas românicas. É o que veremos na próxima seção.

7.1 Preservação da sílaba em que incide o acento

Como afirmam Herman (2000) e Pope (1934), a natureza do acento se alterou de melódico para tônico, do latim para as línguas românicas. O acento melódico é marcado pela elevação ou abaixamento da voz (o que é consequência da variação da frequência de F0, primeiro harmônico de vibração das pregas vocais). O acento tônico, como afirma Hayes (1995), pode envolver a frequência, a duração e a intensidade ou combinações desses parâmetros em graus variados. Independente da mudança do tipo de acento, sua posição quase sempre se manteve do latim para as línguas românicas. É o fenômeno ao qual Coutinho (1954, p. 138) dá o nome de lei da persistência da tônica. Segundo Menéndez-Pidal (1985, p. 36), “[e]l acento se mantiene inalterable desde el tiempo de Plauto, de Horacio, de Prudencio, hasta el de Cervantes y hasta el nuestro...” Se considerarmos que Hayes (1985) define o acento justamente como um tipo de proeminência, é previsível que a sílaba mais proeminente tenda a se preservar como tal.

Herman cita como exemplo o latim *ciuitátem*, que se tornou *citê* na França, *città* na Itália, *cetáte* na Romênia, *cidade* em Portugal, e *ciudad* na Espanha, todos com o [á] acentuado (exceto o francês, que o transformou em [e]). Ou seja, apesar de a mesma palavra ter dado palavras oxítona em algumas línguas e paroxítonas em outras, a localização do acento se manteve com relação à que havia no latim.

Depois de tratar da transformação do tipo de acento do latim, de melódico para tônico, Nunes afirma que o acento:

[...] impediu que a vogal sobre que incidia fosse arrastada pela corrente de transformações que alteraram as outras a ponto tal que por vezes as fizeram desaparecer. É o que mostram as palavras *chama, fresta, paz, vide, dona, olho, ombro, senda*, etc., as quais continuam a ser acentuadas nas mesmas sílabas que as latinas correspondentes *flamma-, fenestra-, pace-, vite-, domina-, oculo-, umeru-, semita*, etc. A força conservadora do acento revela-se tanto melhor quanto mais gasta a palavra está pelo uso constante

que dela se tem feito, como sucede com o moderno *você*, actual representante da antiga fórmula *vossa mercê*, que por seu lado é a frase latina *vostra mercede-*, na qual as vogais tónicas eram, como ainda hoje, *o* e *e*. (NUNES, 1969, p. 31.)

Poderíamos citar o passo posterior na evolução de *vossa mercê*, o nosso *você*, que em contextos sem foco pode ser pronunciado simplesmente como *cê*. Nessa etapa da evolução, uma expressão latina que tinha cinco sílabas passou a ter quatro em português, depois duas e pode ter somente uma. Essa única sílaba remanescente é justamente a sílaba tónica.

As exceções a essa manutenção da posição do acento são poucas. Uma delas são os casos de *muta cum liquida* (oclusiva seguida de líquida) em palavras proparoxítonas no latim. Como afirma Herman, uma forma como *ténébrae* ‘sombras, trevas’ era *tenébrae* no latim vulgar. Outro exemplo, de uma palavra mais frequente, é *intégru-*, que passo a *intégru-*. Também palavras originalmente proparoxítonas com [e] ou [i] acentuado em hiato com a sílaba seguinte apresentaram deslocamento de acento: o latim *fi.lí.õ.lum* (‘filhinho’) deu o espanhol *hi.jue.lo* com o mesmo significado e o francês *filleul* [fi.joel] ‘afilhado’.

Além dessas duas, Menéndez-Pidal (1985, p. 38-39) cita outros dois grupos. O primeiro é o das palavras com prefixos, que na pronúncia clássica tinham acento no prefixo, mantido por exemplo, em *cómputat cuénta*, *ré-cito rézo*, mas deslocado para o verbo em *compúta* e *recíto*. O outro grupo são empréstimos do grego que entraram por via verdadeiramente popular, os quais seguiram o acento grego, quando ele se diferenciava do latino. Exs.: *εἰδωλον* (*eídolon*) e *ἔρημος* (*érēmos*), que, por ter a vogal da penúltima sílaba longa, deveriam ser paroxítonas de acordo com a regra latina, passaram às línguas românicas com acento inicial, dando no português, por ex., *ídolo* e *ermo*, este último inclusive com elisão da vogal da sílaba pós-tónica, fenómeno já atestado no Appendix Probi.

Pope (1934, p. 100) menciona ainda algumas formas verbais, nas quais o acento se deslocou por “influências associativas”, ou seja, os casos em que se uniformizou a sílaba tónica em um tempo verbal, como *amávamos*, em vez de *amavamos*, como podemos observar comparando o paradigma do latim, o do espanhol e o do português:

(38)	Latim	Espanhol	Português
1ª sg	a.mā.bam	a.ma.ba	a.ma.va
2ª sg	a.mā.bas	a.ma.ba	a.ma.va
3ª sg	a.mā.bat	a.ma.ba	a.ma.va
1ª pl	a.ma.bā.mus	a.má.ba.mos	a.má.va.mos
2ª pl	a.ma.bā.tis	a.ma.bais	a.má.veis
3ª pl	a.mā.bat	a.ma.ban	a.ma.vam

Vemos, em suma, que, embora não haja disponibilidade de dados percentuais, a parcela de formas de palavras que tiveram seu acento alterado foi bastante reduzida. Dada a caracterização do acento como um tipo de proeminência (HAYES, 1995), pode-se entender essa preservação do acento como consequência justamente da proeminência dessas sílabas, algo que teve como efeito o arraigamento da posição em que ele cai em cada substantivo.

A porcentagem notável da manutenção do acento na sílaba em que ele caía em latim se deu não só no português, mas nas línguas românicas em geral. Reitero, como foi visto no exemplo *civitatem* de Herman acima, que isso não significa que em todas as línguas o acento tenha tido igual resultado em termos de posição quanto às margens da palavra. Da palavra *po.pŭ.lus* resultaram palavras com acento diferente: uma proparoxítona em italiano: *po.po.lo*; uma paroxítona em português: *po.vo*; e uma oxítona em francês: *peupl(e)*. O acento se manteve na sílaba inicial nas três línguas, mas devido à diminuição do número de sílabas postônicas no português e no francês, o acento, embora mantido na mesma sílaba, ficou numa posição diferente do acento latino (e italiano) com relação ao final da palavra.

8 Um olhar além do português

Diferentemente da maioria das línguas românicas, em suas fases mais antigas, o francês preservou uma distinção entre dois casos. O caso nominativo se manteve essencialmente com as funções que tinha no latim, ao passo que o acusativo assumiu a função de todos os outros, sendo normalmente chamado de caso regime. Os outros casos passaram a ser expressos por preposições seguidas do caso regime.

A exposição aqui segue de perto a de Darmestetter (1914). Os substantivos masculinos que formaram o padrão predominante no francês antigo foram os da segunda declinação. Vejamos as formas do

nominativo e do acusativo no latim, nas duas colunas à esquerda, e as formas correspondentes no francês (DARMESTETTER, 1914, p. 217), nas duas colunas da direita em todos os exemplos. De início, vejamos o substantivo que significa ‘muro’:

(39)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	mu.rus	mu.ri	murs	mur
Acusativo	mu.ru(m)	mu.ros	mur	murs

Outro modelo da segunda declinação foi o do latim *liber* ‘livro’ (p. 218):

(40)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	li.ber	li.bri	li.vre	li.vre
Acusativo	li.bru(m)	li.bros	li.vre	li.vres

Com o passar do tempo, por analogia com substantivos do tipo de *murs*, o nominativo singular passou a ser *livres*.

A declinação dos femininos era mais simples (p. 222), não variando em cada número, como vemos no substantivo que significa ‘rosa’:

(41)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	ro.sa	ro.sæ	ro.se	ro.ses
Acusativo	ro.sa(m)	ro.sas	ro.se	ro.ses

Um pequeno grupo de palavras imparissilábicas do latim, todavia, conservou um padrão distinto, e esse é o padrão que destaco aqui. Trata-se dos nomes masculinos de pessoas originários de substantivos da terceira declinação:

(42)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	pres.by.ter	pres. by.tē.ri	pres.tre	prou. vai.re
Acusativo	pres. by.tē.ru(m)	pres. by.tē.ros	prou. vai.re ¹⁴	prou. vai.res

(43)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	la.trō	la. trō.nes	pres ler.re.tre	lar. rón
Acusativo	la. trō.ne(m)	la. trō.nes	lar. rón ¹⁵	lar. róns

(44)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	ba.rō	ba. rō.nes	ba.rō.nes	ba.rón
Acusativo	ba. rō.ne(m)	ba. rō.nes	ba.rón	ba.róns

(45)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	se.ni.or	se.ni. ō.res	si.re	sei.gneur
Acusativo	se.ni. ō.re(m)	se.ni. ō.res	sei.gneur	sei.gneurs

(46)	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	im.pe.rã.tor	im.pe.ra.tõ.res	em.pe.re.dre	em.pe.re.dor
Acusativo	im.pe.ra.tõ.re(m)	im.pe.ra.tõ.res	em.pe.re.dor	em.pe.re.dors ¹⁶

Podemos constatar, assim, que o francês preservou, no paradigma de pelo menos um grupo de substantivos, formas com acento móvel.

Em vista desses dados do francês antigo, uma suposição aparentemente razoável é que a mobilidade do acento seria uma consequência direta da riqueza morfológica. Talvez se pudesse concluir que quanto mais rico o paradigma de uma classe de palavras, maior a probabilidade de o acento admitir mobilidade. Um exame dos paradigmas nominais do russo à primeira vista reforçaria essa hipótese. Vejamos o paradigma do substantivo *reká* ‘rio’, que ilustra a mobilidade do acento nos substantivos:

(47)	Singular	Plural
Nominativo	re.ka	re.ki
Genitivo	re.ki	rek
Dativo	re.ke	re.kam
Acusativo	re.ku	re.ki
Instrumental	re.koj	re.ka.mi
Prepositivo	re.ke	o re.kax / v re.kax ¹⁷

Segundo Kuznetsov (2000), o paradigma acentual de *reká* é mais complexo, já que o acusativo singular e o instrumental plural admitem variação:

(48)	Singular	Plural
Nominativo	re. ka	re.ki
Genitivo	re. ki	rek
Dativo	re. ke	re.kam / re. kam
Acusativo	re.ku / re. ku	re.ki
Instrumental	re. koj	re.kami / re. ka .mi
Prepositivo	re. ke	o re. kax / v re.kax

¹⁴ Também *presveire* ou *proveire*.

¹⁵ Também *ledre* e *ladron*.

¹⁶ Entre outras formas, tais como *emperere* (Nsg), *empereor/emperor/empeur* (Rsg) e os plurais correspondentes.

¹⁷ Alguns substantivos apresentam formas diferentes no prepositivo, dependendo da preposição que os antecede.

Podemos ver que as formas nesse paradigma se dividem praticamente meio a meio entre acentuadas na raiz e acentuadas na desinência. Se examinarmos os paradigmas adjetivais, porém, verificaremos que essa suposta correlação entre complexidade do paradigma e mobilidade do acento não se mantém. Os adjetivos em russo têm dois tipos de flexão: as formas longas, que distinguem gênero, número e caso; e as formas breves, que só distinguem gênero e número. Vejamos a seguir a declinação do adjetivo *dóbryj* ‘bom’, com a flexão breve separada na última linha do quadro 1.

Quadro 1 – Formas longas e breves do adjetivo em russo

	MASC SING	FEM SING	NEU SING	PLURAL
<i>NOM</i>	do.bryj	do.bra.ja	do.bro.je	do.bry.je
<i>GEN</i>	do.bro.go	do.broj	do.bro.go	do.bryx
<i>DAT</i>	do.bro.mu	do.broj	do.bro.mu	do.brym
<i>ACUS</i>	do.bryj/do.bro.go*	do.bru.ju	do.bro.je	do.bry.je/do.bryx*
<i>INSTR</i>	do.brym	do.broj	do.brym	do.bry.mi
<i>PREP</i>	(o) do.brom	(o) do.broj	(o) do.brem	(o) do.bryx
<i>BREVES</i>	dobr	do.bra	do.bro	do.bry

Como podemos observar, o paradigma de formas longas, que contém 24 células, tem o acento fixo. Há apenas dois tipos de acentuação nos paradigmas adjetivais longos: fixa no radical ou fixa na desinência. O adjetivo *dobryj* ilustra o primeiro tipo. Ao contrário do que se poderia esperar, o paradigma de formas breves, que contém apenas quatro células, apresenta acento móvel, indo contra a correlação que os dados do francês antigo talvez pudessem nos sugerir.

Outra língua eslava que reforça a desvinculação entre paradigma flexional rico e mobilidade do acento é o búlgaro. Nele praticamente as únicas formas da flexão de um substantivo são o singular e o plural. No singular, alguns substantivos têm formas especiais para o vocativo. Apesar desse paradigma nominal restrito, equivalente ao do português, o búlgaro apresenta acento móvel em parte de seus substantivos. Vejamos alguns exemplos de Scatton (1983):

(49)	Singular	Plural	
	most	mo. sto.ve	‘ponte’
	bog	bo. go.ve	‘deus’
	zəb	zə. bi	‘dente’
	vre.me	vre.me. na	‘tempo’
	gos.po. za	gos. po.zi	‘senhora’

A amostra acima é representativa do fato de que a grande maioria dos casos apresenta acento no radical no singular e na desinência no plural. Em suma, uma suposta correlação entre paradigma rico e mobilidade acentual não é necessária.

9 Coda: vogais temáticas nominais

Como já foi dito anteriormente, uma das características marcantes da morfologia do português é o fato de que a vogal temática dos substantivos (ou marcador de classe) e adjetivos nunca é acentuada. Isso nada mais é do que uma consequência da preservação quase absoluta do acento na mesma sílaba tônica que em latim e do fato de que a última sílaba era sempre extramétrica.

Para poder ter uma noção clara de que isso é algo que não ocorre necessariamente, devemos olhar outras línguas, entre elas o grego. Nos substantivos *αγορά* (*a.go.ra*) ‘praça’ e *ποταμός* (*po.ta.mos*) ‘rio’, declinados abaixo, o acento incidia em todo o paradigma na sílaba da vogal temática.

(50)	a.go.ra	a.go.ra <i>i</i>
	a.go.rã <i>s</i>	a.go.rõ <i>n</i>
	a.go.ra	a.go.ra <i>is</i>
	a.go.ra <i>n</i>	a.go.ra <i>s</i>

(51)	po.ta.mos	po.ta.mo <i>i</i>
	po.ta.mũ	po.ta.mõ <i>n</i>
	po.ta.mõ	po.ta.mo <i>is</i>
	po.ta.mon	po.ta.mũ <i>s</i>

Obviamente isso não acontecia com todos os substantivos. Como exemplo diferente apresento aqui o substantivo *άνθρωπος* ‘homem, ser humano’, em cujo paradigma o acento nunca caía na sílaba da vogal temática.

(52)	an.t ^h rõ.pos	an.t ^h rõ.poi
	an.t ^h rõ.pu	an.t ^h rõ.põn
	an.t ^h rõ.po	an.t ^h rõ.pois
	an.t ^h rõ.pon	an.t ^h rõ.pũs

Mas o ponto principal aqui é que *agorá* e *potamós* apresentam acento sempre na vogal temática, o que demonstra que a vogal temática ser sempre átona nos substantivos e adjetivos em português não é algo necessário. Essa atonicidade é um subproduto da extrametricidade latina e da preservação quase absoluta do acento do latim para o português.

10 Considerações finais

Depois de ter definido mobilidade, imobilidade e deslocamento do acento como relacionados não à margem direita da palavra, mas à sílaba que contém a vogal acentuada, destaquei o fato de que no paradigma verbal o acento se desloca em português, mas permanece na mesma posição nos não verbos. Em seguida apresentei as posições teóricas que nortearam a análise feita no artigo: a linguística baseada no uso e a concepção da língua como um sistema complexo dinâmico. O uso impacta a gramática.

Passando para o acento latino, o ponto de partida dos desenvolvimentos diacrônicos que provocaram a imobilidade do acento dos não verbos em português, percorri inicialmente cada uma das declinações para constatar que em todas elas havia deslocamento de acento, ou seja, a imobilidade do acento não era uma característica intrínseca dos não verbos, tendo se estabelecido na passagem do latim para o português. Em seguida, discuti cada caso da declinação latina para demonstrar que o acusativo era o único caso em que praticamente não havia deslocamento de acento, tendo, além disso, os poucos exemplos tendido a ser eliminados, por exemplo, com a passagem do sufixo *-men* a *-me*.

O passo seguinte da análise foi demonstrar que o acusativo possivelmente era já em latim clássico o caso mais usado em formas manifestas, excluindo dados como sujeitos nulos, o que foi feito com base na concepção da linguística baseada no uso de que as verdadeiras generalizações são as generalizações de superfície. Isso teve como resultado o fato de que o acusativo foi o caso lexicogênico do português. Em suma, o fato de que a maioria esmagadora dos não verbos em latim tinha acento fixo no acusativo somado ao fato de que o acusativo foi o caso lexicogênico em português tiveram como resultado a imobilidade do acento nos não verbos. Ao final do artigo, deixei claro que não foi pura e simplesmente a simplificação do paradigma não verbal que levou à perda da mobilidade do acento e também que os mesmos

desenvolvimentos diacrônicos tiveram como resultado o fato de que as vogais temáticas não verbais são átonas em português.

Vemos então que examinar o funcionamento do acento em latim nos paradigmas nominais e adjetivais nos faz ter um entendimento mais aprofundado das razões pelas quais o acento no português atual é como é. O desaparecimento do sistema de casos e mais especificamente a sobrevivência apenas das formas provenientes do acusativo fez com que o acento nos substantivos e adjetivos deixasse de poder se deslocar. Um efeito colateral disso foi o fato de as vogais temáticas nominais serem sempre átonas. Se qualquer outro caso tivesse sobrevivido haveria deslocamento de acento no português.

Agradecimentos

Agradeço aos organizadores do evento EN-OFF realizado em 30 de junho de 2020, pela oportunidade de apresentar este trabalho, bem como às colegas e aos colegas que fizeram comentários no evento após a apresentação do trabalho. Agradeço também a um(a) parecerista anônimo(a), que fez inúmeras observações, as quais contribuíram muito para a versão final e a Mário Eduardo Viaro, sobre as informações do caráter erudito do termo *animal* em português.

Referências

- ALBANO, E. C. Uma introdução à dinâmica em Fonologia, com foco nos trabalhos desta coletânea. *Revista da ABRALIN*, v. 11, n. 1, p.1-30, 2012.
- ALLEN, J. B.; GREENOUGH, J. H. *New Latin grammar*. Boston/Londres: The Athæneum Press, 1903.
- ALMEIDA, J. de. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1980.
- BELCHOR, A. P. V.; GOMES, D. K.; GONÇALVES, C. A. V.; MENEZES, V. M. C. de; ROSÁRIO, I. da C.; RODRIGUES, M. C. *Português VII*, v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2018.
- BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 22, p. 69-80, 1992. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v22i0.8636897>

- BOAS, H. C. *A constructional approach to resultatives*. Stanford: CSLI Publications, 2003.
- BLEVINS, J. *Evolutionary phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BRIGHTBILL, J.; KOSCH, B. *Case and preposition usage in select Latin texts*. Chicago: University of Chicago, 2012.
- BYBEE, J. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BYBEE, J.; HOPPER, P. Introduction. In: BYBEE, J. e HOPPER, P (eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-24.
- BYBEE, J. *Frequency of use and the organization of language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- CAGLIARI, L. C.. A regra de atribuição de acento via afixos. In: AGUILERA, V. de A. (org.). *Português no Brasil: Estudos fonéticos e fonológicos*, Vol. 1. 1ed. Londrina: Editora da UEL, 1999. p. 11-35.
- CANTONI, M. M. *O acento no português brasileiro: uma abordagem experimental*. 2013. 193 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*, 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.
- COUTINHO, I. L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CROFT, W. 2001. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DARMESTETTER, A. *Historical French grammar*. Londres: Macmillan, 1914.
- DAVIES, M.; PRETO-BAY, A. M. R. *A frequency dictionary of Portuguese: core vocabulary for learners*. Nova Iorque, Londres: Routledge, 2008.

DIEDERICH, P. B. *The frequency of Latin words and their endings*. Chicago: University of Chicago Press, 1939.

FRANCESE, C. *Latin Core Vocabulary*. Dickinson College Commentaries, 2014. Disponível em: <<http://dcc.dickinson.edu/latin-vocabulary-list>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

GELDER, T. van; PORT, R. It's about time: An overview of the dynamical approach to cognition. In: PORT, R.; GELDER, T. van (eds.). *Mind as motion: explorations in the dynamics of cognition*. Cambridge: MIT, 1995. p. 1-43.

GILDERSLEEVE, B. L.; LODGE, G. *Gildersleeve's Latin grammar*, 3. ed. rev. e aum. Londres: MacMillan and Co, 1903.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HARRIS, J. H. *Syllable structure and stress in Spanish: a nonlinear analysis*. Cambridge: MIT Press, 1983.

HAYES, B. Extrametricality and English stress. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 13, n. 2, p. 227-276, 1982. <https://www.jstor.org/stable/4178274>

HAYES, B. *Metrical stress theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HERMAN, J. *Vulgar Latin*. University Park, Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2000.

HOLLAND, J. H. Complex adaptive systems. *Daedalus*, Boston, v. 121, n.1, p. 17-30, 1992. <https://www.jstor.org/stable/20025416>

KUZNETSOV, S. A. *Большой толковый словарь русского языка (Grande dicionário explicativo da língua russa)*. São Petersburgo: Norint, 2000.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. I: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEE, S. H. O acento primário do português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 5-30, 1997. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.6.2.5-30>

- LEE, S. H. O acento primário no português: uma análise unificada na teoria da otimalidade. In: ARAÚJO, G. A. (org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 121-143.
- LIBERMAN, A.M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 8, n. 2, p. 249-336, 1977. <https://www.jstor.org/stable/4177987>
- LOPORCARO, M. Syllable, segment and prosody. In: MAIDEN, M.; SMITH, J. C.; LEDGEWAY, A. (eds.). *The Cambridge history of the Romance languages*. Vol. 1: Structures. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 50-108.
- LOWIE, W. e VERSPOOR, M. Complex dynamic systems theory (CDST). In: TRACEY-VENTURA, N. e PAQUOT, M. (orgs.) *The Routledge handbook of second language acquisition and corpora*. Londres: Routledge 2021. p. 189-200.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico: um estudo do percurso histórico da acentuação no português*. 1995. x + 269 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Estrutura da língua portuguesa*, 36. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- MACWHINNEY, B. Emergentist approaches to language. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (orgs.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 449-470.
- MENÉNDEZ-PIDAL, R. *Manual de gramática histórica española*, 18. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1985.
- MESTER, A. The quantitative trochee in Latin. *Natural language and linguistic theory*, Dordrecht, v. 12, n. 1, p. 1-61, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00992745>
- MUZENGA, J-G. K. Analyse synchronique du nom latin. *Folia Electronica Classica*, Louvain, v. 40, p. 2-33, 2020.
- NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.

PEREIRA, M. I. Acento latino e acento em português: que parentesco? In: ARAÚJO, G. A. de (org.). *O Acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 6083.

PINKSTER, H. *Oxford Latin syntax*. Vol. 1: The Simple Clause. Oxford: Oxford University Press, 2015.

POPE, M. K. *From Latin to French*. Manchester: Manchester University Press, 1934.

RAINER, F. Patterns and niches in diachronic word formation: the fate of the suffix - MEN from Latin to Romance. *Morphology*, Dordrecht, v. 28, p. 397-465, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11525-018-9333-3>

SCATTON, E. A. *A reference grammar of modern bulgarian*. Columbus: Slavica, 1983.

SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (orgs.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 61-89.

TOMASELLO, M. First steps toward a usage-based theory of language acquisition. *Cognitive linguistics*, Berlim, v. 11, n. 1-2, p. 61-82, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1515/cogl.2001.012>

TRAVAGLIA, L. C. Verbo ser: um verbo essencialmente gramatical. *XII Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2003.

TRUDGILL, P. *Investigations in sociohistorical linguistics: stories of colonisation and contact*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TRUDGILL, Peter. *Millennia of language change: sociolinguistic studies in deep historical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

TUMMERS, J.; HEYLEN, K.; GEERAERTS, D. Usage-based approaches in cognitive linguistics: A technical state of the art. *Corpus linguistics and linguistic theory*, Berlim, v. 1, n. 2, p. 225-261, 2005. DOI: [10.1515/cllt.2005.1.2.225](https://doi.org/10.1515/cllt.2005.1.2.225)

ZILLES, A. M. S. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. *Language variation and change*, Cambridge, v. 17, p. 19-53, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0954394505050027>